

## SIMONDON, ARTE E TÉCNICA

### SIMONDON, ART AND TECHNIQUE

José Aravena Reyes<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta a versão de Gilbert Simondon sobre o pensamento estético e a arte. O filósofo da técnica desenvolve argumentos que colocam o pensamento estético como uma via analógica de recuperação do mundo mágico como unidade primitiva da qual tanto o pensamento técnico quanto o pensamento religioso se individualizam. Aspectos relacionados com o processo inventivo e da individuação individualizante da transindividuação também são trazidos para complementar a perspectiva simondeada sobre a estreita relação que existe entre o objeto técnico e objeto da arte. Finalmente, algumas considerações sobre as categorias de elemento, indivíduo e conjunto de objetos de arte são tecidas.

**Palavras-chave:** Simondon, Individuação, Arte, Estética, Técnica.

**Abstract:** This article presents the version of Gilbert Simondon about aesthetic thinking and art. The philosopher of the technique develops arguments that put aesthetic thinking as an analogical way of recovering the magical world as a primitive unit from which both, technical and religious thought are individuated. Aspects related to the inventive process and the individualizing individuation of transindividuation are also brought to complement Simondean perspective on the very close relationship that exist between the technical object and the object of art. Finally, some considerations about the categories of element, individual and set of art objects are made.

**Keywords:** Simondon, Individuation, Art, aesthetics, Technic.

### Introdução

No prefácio da edição brasileira da obra *O Modo de Existência dos Objetos Técnicos* (MEOT) de Gilbert Simondon (2020), Pablo Rodriguez escreve:

O livro que o leitor tem nas mãos é certamente o principal trabalho, o mais ousado, da filosofia da técnica do século XX. [...] Mas Simondon não apareceu em nenhuma fotografia, não assinou nenhuma proclamação, não incentivou nenhuma controvérsia. (MEOT, 2020, p. 12-13).

---

<sup>1</sup> Professor titular da Faculdade de Engenharia, UFJF; Doutor em Projeto de Sistemas Oceânicos, COPPE/UFRJ; Pós-doutor em Filosofia da Técnica, PUCPR. E-mail: [jose.aravena@ufjf.edu.br](mailto:jose.aravena@ufjf.edu.br)

Não podemos discordar de esta afirmação, inclusive porque Bernard Stiegler, outro grande filósofo da técnica do século XX, colocou Simondon em um lugar de destaque, principalmente na obra *Técnica e Tempo I* (1994). Porém, não é somente porque Simondon possui uma reflexão importante sobre a técnica que pode ser fundamental para uma discussão sobre a sua relação com a arte, senão porque ele também aborda o pensamento estético de uma forma bastante particular, a qual pode ser útil como base para pensar as articulações entre os dois campos. Simondon é mais do que um filósofo da técnica. Na *A Individuação à Luz das Noções de Forma e Informação* – ILFI (2020) – Simondon reflete sobre as grandes dificuldades de pensar a filosofia a partir de certas categorias tradicionais que vão desde a ontologia até a própria política (BARDIN, 2015). O ponto de partida é a individuação, mas os destinos são variados: uma ontologia relacional, uma crítica à cibernética, uma teoria da informação e da comunicação e um arcabouço conceitual capaz de abordar qualquer tema filosófico a partir da fluidez do devir. Nesse contexto, articular a relação arte e técnica significa fazer um percurso nas obras de Simondon para extrair dele a forma em que tais termos se determinam – isto é, como eles se individuem – uma vez que a máxima do filósofo é “conhecer o indivíduo pela individuação muito mais do que a individuação a partir do indivíduo” (ILFI, p. 16). Isto significa concretamente que arte e técnica são termos que devem ser conhecidos a partir dos seus processos de individuação mais do que a partir de dois indivíduos já consolidados (arte por um lado e técnica, por outro). Neste texto será apresentado o pensamento de Simondon em relação à arte e a técnica para, a partir dele, tecer algumas implicações sobre a produção cultural da humanidade.

## A Individuação

Simondon inaugura sua reflexão com a crítica ao sistema hilemórfico (forma-matéria) por este explicar os seres a partir de dois indivíduos já constituídos, cuja constituição, por sua vez, não é explicada. Por isso para ele são relevantes os processos de constituição dos indivíduos, pois na medida em que se conhece o processo que leva a um indivíduo ser o que ele é, se compreende melhor a natureza das suas relações com os outros seres. A importância desta premissa tem um alcance significativo quando se quer compreender a relação entre arte e técnica.<sup>2</sup>

A teoria da individuação é formulada mediante o paradigmático exemplo da cristalização, processo fundamental na constituição da matéria. A intenção do autor é mostrar que a individuação do cristal surge de uma situação particular, com condições específicas que favorecem a sua constituição e que, portanto, são anteriores a este. Como não faz muito sentido falar do cristal para explicar como o ser e o não-ser (o meio não individuado) aparecem, Simondon procura pela condição em que se consolida essa diferenciação que opera de forma contínua dando origem à constituição e crescimento do cristal. O filósofo identifica uma região – que não é nem cristal nem ambiente externo – na qual concretamente está acontecendo a cristalização, de forma contínua, enquanto existam condições para sua individuação. Somente após as operações individuantes nessa região que se pode falar do indivíduo cristal. Sem embargo, para se referir ao cristal como indivíduo, será necessário entendê-lo a partir de uma condição específica de estabilidade, como se fosse uma *fase* dentro do seu constante processo de individuação.

Esta perspectiva da individuação permite elaborar o entendimento dos indivíduos mediante uma condição de estabilidade dentro do processo contínuo de transformação – a individuação; um fluxo constante de operações individuantes pelos quais os indivíduos e o meio onde residem se constituem. Para que exista individuação é necessário que existam dois regimes heterogêneos que, uma vez em contato, produzem um campo problematizante em função das tensões que aparecem pelas diferenças de potencial presente neles. Sobre essa condição, dita *metaestável*, se deflagra um processo de compatibilização que informa e estrutura o indivíduo (no caso anterior, o cristal) mediante uma operação *transdutiva* que informa e estrutura o indivíduo a partir do processo individuante que extrai realidade de um campo rico em potencial energético. Nesse processo, tanto a informação que chega quanto as condições energéticas que existem previamente se relacionam, e nessa relação se constitui o indivíduo e seu meio como resolução do estado de tensões original.

A descrição que Simondon nos oferece sobre a ontogênese do cristal é muito precisa e serve de paradigma para compreender a individuação de todos os seres. Por isso, ainda que no *A Individuação...* esta seja tratada mediante categorias como a individuação física, dos seres vivos, psíquica e coletiva, o importante é que todas elas respondem a um processo de individuação, o que implica que tais categorizações são realizadas só *a posteriori*, quando os

---

<sup>2</sup> Isto se dá em função de dois motivos: primeiro por causa do próprio postulado da teoria a individuação, mas também porque nas suas obras, Simondon caracteriza aquilo que chama de pensamento técnico e de pensamento estético.

indivíduos estão constituídos; disso decorre que a separação entre seres físicos, biológicos, psíquicos e sociais por critérios morfológicos pode ser contestada e, portanto, o objeto técnico e o objeto da arte também podem ser compreendidos na continuidade do ser como devir; mais do que categorias espacializadas, o que caracteriza os seres e suas relações – físicos, biológicos, psíquicos, coletivos e técnicos – é a dinâmica dos seus processos individuantes. Desta perspectiva, em termos gerais, a individuação é o resultado da resolução de um campo problemático, *preindividual*, metaestável e rico em tensões com potencial de individuação. A resolução como tal, faz que o indivíduo se *desfase*, isto é, que surja como resolução das tensões do campo problemático e devesse indivíduo mediante uma operação *transdutiva* que o informa e estrutura ao mesmo tempo. Simondon escreve:

A oposição do ser e o devir só pode ser válida no interior de uma doutrina que supõe que o próprio modelo do ser é a substância. Mas também é possível supor que o devir é uma dimensão do ser, que corresponde a uma capacidade do ser de se defasar relativamente a si mesmo, de se resolver enquanto se desfaz; *o ser pré-individual é o ser no qual não existe fase*; o ser em cujo seio se completa uma individuação é aquele em que, ao ser repartido em fases, aparece uma resolução – isso é o devir; o devir não é um quadro no qual o ser existe; ele é dimensão do ser, modo de resolução de uma incompatibilidade inicial rica em potenciais [...] *A individuação corresponde ao aparecimento de fases no ser, as fases do ser.* (ILFI, 2020, p. 16-17, ênfase original)

Na medida em que o ser devém uma multiplicidade de indivíduos, suas diferenças se estabelecem pelas características dos seus particulares modos de individuação e não por categorizações morfológicas feitas *a posteriori* à individuação, de modo que os seres físicos devem ser diferenciados dos seres vivos ou dos seres técnicos por seus processos de individuação e não por uma morfologia específica. No *A Individuação...* mediante o paradigmático caso da cristalização, Simondon explica o modo de individuação dos seres físicos; dos seres biológicos – entendidos como seres que, por sua condição orgânica, efetivam concomitantemente vários processos de individuação formando o que ele chama de “teatro de individuação” (ILFI 2020, p. 21); dos seres psíquicos (na qual sensações e percepções são processos de resolução de conflitos entre o ser vivo e seu meio); dos seres coletivos – que são chamados de seres *transindividuais*, resultantes de um processo de individuação que cria a estrutura de uma nova realidade entre *indivíduos individualizados*; e dos seres técnicos – que tomam a forma de objetos técnicos.

O corolário dessa forma de compreender os seres leva a traçar uma rota diferente para os objetos da técnica e da arte uma vez que, como ambos são objetos da cultura, suas diferenças se encontram nos seus respectivos processos de individuação

## A Gênese da Tecnicidade

No *Modo de Existência...* (MEOT, p. 233), Simondon propõe explicar a técnica a partir de um processo de individuação que vai além do aparecimento e das repercussões do objeto técnico operando no mundo, o que se traduz na busca pela *tecnicidade* como gênese generalizada das relações do sistema homem-mundo, sejam estas mediadas por objetos ou não. Para tal, retoma os postulados da individuação para mostrar que o sistema homem-mundo não é estável, pois sendo maior que o processo evolutivo de uma espécie natural, como sistema se transforma sem alcançar uma estabilidade finalística, pois é similar ao processo de individuação no qual, dentro de uma unidade sobressaturada, aparecem fases do ser mediante a resolução dos conflitos internos. Como ao extrair realidade dessa unidade o indivíduo no esgota todo o potencial individante, o potencial remanescente permanece e está disponível para novas individuações. Assim, para o filósofo, o caráter potencial da unidade sistêmica que formam homem e mundo possui realidade e, o devir seria “a operação de um sistema que, em sua realidade, possui potenciais”, portanto, “o devir é a série de acesso das estruturas de um sistema, ou as individuações sucessivas de um sistema” (MEOT, p. 235).

As implicações que traz a leitura de Simondon sobre a forma que toma o sistema homem-mundo faz com que a gênese da técnica seja compreendida através da tecnicidade como dimensão do devir, mas mediante uma operação mais *amplificante* do que estabilizante, pois depois que a tecnicidade opera, as novas configurações do sistema expandem seu poder evolutivo e deixam sem muito fundamento a ideia de uma finalidade superior do devir. Nesse sentido, a tecnicidade não se explica pelo objeto técnico, pois este é resultado de desdobramentos de diferentes modos de pensamento que têm sua explicação última na forma de resolução de um particular estado da relação do homem com o mundo, quer dizer, em uma unidade ou fase primitiva da sua gênese e suas relações: aquilo que recebe o nome de *Unidade Mágica Primitiva*.

Esta unidade é uma na qual ainda não existe nenhuma separação do homem e o mundo; é anterior a ambos no sentido que dela, tanto o homem quanto o mundo extraem energia para se desfazer como duas realidades separadas. Embora mágico, existe nele potencial em tensão e, portanto, potencial individante. Sua reticulação inicial provê a condição mínima perante a qual essa unidade não se estabelece como um plano

indiferenciado, senão como um sistema com regimes de potencial heterogêneos que entram em conflito e que – para um ser com capacidades psíquicas – oferecem lugares com poder de individuação. Simondon usa os termos *figura* e *fundo* para se referir ao processo que constitui e diferencia esses lugares:

A tecnicidade aparece como estrutura que resolve uma incompatibilidade: ela especializa as funções figurais, enquanto as religiões especializam as funções de fundo. O universo mágico original, rico em potenciais, estrutura-se ao se desdobrar. A tecnicidade aparece como um dos dois aspectos de uma solução para os problemas da relação do homem com o mundo. O outro aspecto, simultâneo e correlato, é a instituição das religiões. (MEOT, 237)

Assim se explica o fundamento do processo de aparecimento das fases ou condições estáveis dos seres: a *realidade técnica* (a tecnicidade) aparece ao mesmo tempo que a *realidade religiosa*, ambas produto de um processo *ontogenético* de desfaseamento da chamada unidade mágica primitiva, onde não existem nem sujeitos nem objetos. A realidade técnica é associada às figuras enquanto a religiosa ao fundo. Figuras surgem das tensões provocadas pela intensidade informativa do meio em contato transdutivo com um indivíduo individualizado com estrutura psíquica. Não há figura no meio nem forma *a priori* para o indivíduo. A percepção é construtiva, cria a figura ao resolver as tensões entre o indivíduo e um meio rico em energia com potencial individuante. A figura enquanto tal passa a carregar uma realidade própria e outra religiosa que a une ao fundo do qual se desprende. Como formas de mediação, a primeira se objetiva no objeto técnico, a segunda se subjetiva como modo universalizante. Como fases da operação individuante que ocorre no sistema homem-mundo não possuem realidade absoluta, senão realidades relativas. No meio da relação do homem com o mundo são relativas a esses e a outras realidades que surgem delas ou da unidade mágica primitiva, uma vez que esta última sempre possui potencial individuante de novas realidades.

Quando uma figura adensa sua realidade ao ponto de se desprender do seu fundo e passa a flutuar sobre o mundo, ela tem o poder entrar em relação compatibilizante com outros lugares (re)criando o fundo do qual surgiu, mas, a figura como tal, separada do fundo, não é capaz *por si só* de realizar nenhuma operação técnica no mundo, mesmo quando nasce de uma operação técnica que lhe dá origem: ela possui tecnicidade, mas não tem operacionalidade técnica. Como realidade entre o homem e o mundo, mas ao mesmo tempo diferente destes, passa a estar disponível para novos processos de mediação, isto é, de operar tecnicamente

pelos esquematismos da sua estrutura em um fundo que não é a sua origem, senão um fundo abstrato. Simondon escreve:

A disponibilidade da coisa técnica consiste em estar livre da escravidão do fundo do mundo [...] O objeto técnico distingue-se do ser natural por não fazer parte do mundo. Intervém como mediador entre o homem e o mundo [...] Há três tipos de realidade: o mundo, o sujeito e o objeto, intermediário entre o mundo e o sujeito, e cuja primeira forma é a do objeto técnico (MEOT, p. 256).

Assim, na medida em que uma figura que flutua no mundo sem estabelecer relações com vaga sem operar efetivamente, sob alguma condição de compatibilidade encontra seu fundo (seu *meio associado*), nesse momento devêm *individuo técnico*.

### Pensamento Estético

O desfasamento inicial que opera na unidade mágica primitiva dá origem à realidade técnica e a realidade religiosa; no pensamento, da origem ao *pensamento técnico* e ao *pensamento religioso*. O primeiro destaca as características figurais enquanto o segundo as características de fundo. O centro de equilíbrio entre ambas as realidades é a unidade mágica primitiva. Porém, a realidade do objeto técnico, como mediadora da relação do homem e o mundo, não é realidade absoluta, pois passa a configurar um novo sistema de relações homem-mundo, flutuando sobre um fundo abstrato para o qual converge e assim formar uma nova realidade, digamos um novo centro ativo com potencial individuante. Esta convergência não se dá na unidade mágica primitiva, senão que se estabelece como uma segunda camada, análoga à anterior, porém sem possibilidade de recriá-la nem de produzir um novo desdobramento de técnica e religião. O que une aquilo que foi separado da unidade mágica primitiva é um tipo de pensamento que devolve ao conjunto sujeito-objeto-mundo sua configuração de totalidade de sistema: o *pensamento estético*.

O pensamento estético visa a totalidade, mas não através do objeto técnico, senão mediante um esforço de pensamento de um ser com a capacidade de experimentar a impressão estética, o qual devolve a continuidade universalizante ao objeto e não o contrário “assim como a linguagem alimenta a capacidade de pensar, sem, no entanto, ser pensamento” (MEOT, p. 268). De certa forma, o pensamento estético responde a uma condição que permite que os atos de pensamento de um domínio evoquem pensamento de outro domínio; Simondon descreve o caráter estético de um ato ou de uma coisa como função de totalidade, se bem condicionada pela cultura que estreita as suas possibilidades, é o pensamento estético o que



une a realidade técnica e religiosa desdobrada da unidade mágica em uma nova e análoga unidade totalizante. Esta unidade é um mundo:

[...] que é simultaneamente técnico e religioso. É técnico por ser construído, em vez de natural, e pode usar o poder de aplicação dos objetos técnicos ao mundo natural para criar o mundo da arte. É religioso no sentido de que esse mundo incorpora as forças, as qualidades e as características de fundo que as técnicas deixam de lado [...] o pensamento estético [...] limita-se a concretizar as qualidades de fundo por meio de estruturas técnicas. Cria-se assim a realidade estética, nova mediação entre homem e mundo, mundo intermediário entre homem e mundo (MEOT, p. 271-72)

A realidade estética não pode ser pensada como a realidade técnica de um objeto nem como realidade religiosa de um sujeito, pois não está separada de nenhuma das duas. Se há uma ‘beleza’ nas coisas ou nos modos das coisas e seres é porque a atividade do pensamento estético as organiza como pontos singulares de um lugar específico do mundo: “a estatua colocada diante de um templo é aquela que faz sentido para um grupo social definido”; ocupa um ponto singular que usa e reforça, mas não o cria porque não é um objeto separado do mundo. O que define o objeto estético é sua inserção, a qual se dá pela sua adequação às exigências do lugar onde se encontra e também pela projeção que provoca fazendo surgir um universo que conserva a estrutura do mundo mágico. Por tal motivo uma ferramenta ou um objeto técnico funcional como um mictório pode se transformar em obra de arte; não por sua objetividade técnica ou por sua subjetividade religiosa, senão pela realidade que o universaliza dentro do mundo que é maior que a obra e que se experimenta só através dela.

Nesse sentido, o objeto estético sempre compõe um mundo. Capta analogicamente os seres no seu nível de unidade, e os capta nas suas singularidades sem destruir a multiplicidade que representam; o pensamento estético:

apreende os seres individuados e o mundo como uma rede de seres em relação de analogia. [...] ele é o que mantém a unidade do devir do pensamento que se desdobra em técnicas e religiões, pois continua a captar o ser em sua unidade enquanto o pensamento técnico toma o ser abaixo do nível a sua unidade, e o pensamento religioso acima deste. (MEOT, p. 282-83).

A obra de arte não é completa e absoluta, ela remete a uma completitude que deveria estar presente no mundo. A obra de arte não é bela em si mesma; é o encontro que provoca o que possui o caráter estético. O caráter estético não se encontra nela, senão na realidade estética que através dela é possível experimentar; como objeto, espera por um sujeito – situado em um contexto social específico – que o coloque em direção da realidade estética universalizante. Nesse sentido, os objetos estéticos promovem um compartilhamento dos



mundos que cada um deles separadamente alcançam e, mediante o juízo estético, de caráter social, forma a base do comum de tradições e valores, a qual se forma em um processo *ad infinitum* de um devir constante em busca da unidade através da superação do ser particular: a arte é transdutiva no sentido de que permite passar de um domínio a outro por uma intenção de unificar, de dar continuidade àquilo que foi fragmentado no desdobramento da unidade mágica:

A arte é uma reação profunda contra a perda de significação e de vínculo com o conjunto do ser em seu destino. [...] A arte não eterniza, mas torna algo transdutivo, dando à realidade localizada e acabada o poder de passar para outros lugares e outros momentos. [...] transpõe limites ontológico (MEOT, p. 295-96).

### Arte e Técnica

Como se pode observar, para Simondon arte tem uma conotação ativa, digamos envolve um fazer, e, nesse sentido, tem um sujeito (o artista) que faz a mediação entre a estrutura-operação do objeto técnico e o mundo ao qual se tem acesso. É transdutiva nesses termos: informa e estrutura.

A experiência com o objeto técnico é individuante e individualizante no caso dos seres vivos que, como tais, participam de um universo social uma vez que a experiência estética é ao mesmo tempo individual e coletiva. O artista deve produzir uma obra – que para Simondon é necessariamente técnica. Uma obra possui uma dimensão técnica no sentido de que uma operação transdutiva de um ser com atividade psíquica provoca uma individuação técnica que, por adensamento, obtém realidade técnica, a qual se objetiva como objeto, o objeto técnico. Simondon não se refere ao uso de habilidades para descrever individuação do objeto técnico, senão ao uso da tecnicidade dos elementos, objetos e conjuntos técnicos, todos os quais representam uma forma transdutiva que tem como operação genética a estruturação de figuras e fundos.

Sem embargo, a atividade psíquica da percepção não opera passivamente estruturando psiquicamente elementos que existem *a priori* da experiência perceptiva; Simondon entende a percepção como capacidade ativa, produtiva, condição que nos leva a pensar que o artista, entre outras coisas, cria (ou inventa) o objeto técnico na perspectiva ontogenética, isto é, considerando que o objeto no seu devir, deve operar a passagem para os outros lugares que abre como fundo religioso. Se a arte tem um processo criativo ou inventivo, o processo de criação como tal também é individuante e pode ser explicada pela teoria da individuação.

A individuação do próprio processo inventivo foi descrita na obra de Simondon intitulada *Imaginación e Invención* – IeI (2013).

Em primeiro lugar, devemos retomar a ideia de que aquilo que se inventa não é aquilo que preexiste nem aquilo surge do nada absoluto; o invento emerge e se converte gradualmente de *a ideia de...* ao próprio *objeto técnico*. Simondon descreve a invenção como um processo de caráter imaginativo que leva o inventor a ter e desenvolver a *imagem* do invento. Ele considera a imagem como um recurso perceptivo que configura psiquicamente a ação humana segundo níveis e efeitos. Por exemplo, há formas de imagem que sinalizam alertas de vida ou morte (perigos de predadores, objetos de caça) e que são entendidos como imagens inatas – *a priori*, de ordem instintiva – que antecipam estados futuros (a morte ou a fome, por exemplo), porém, estas imagens não são conscientes. Por outro lado, uma imagem que se estabiliza, oferece condições de reconhecimento de situações que, dependendo da complexidade do sistema nervoso, produzem atividade psíquica em diversos níveis: reconhecimento, cognição, sentimentos etc. Esse tipo de atividade psíquica promove ações *a posteriori* da aparição da imagem. Se uma imagem possui uma realidade mais densa, na qual se organizam um conjunto de sensações e de ideias é considerada operando no nível *simbólico*, isto é, como uma referência a outra realidade diferente daquela na qual o sujeito é afetado, ao ponto de esse tipo de imagens estar presente em objetos (psíquicos ou materiais) que são categorizados como *lembranças*, em um sentido mais amplo que o da memorização, pois remete a um processo de organização psíquica mais amplo que fazer reaparecer uma experiência do passado para a consciência, pois de certa forma, esse processo faz aparecer como lembrança algo que permite organizar a ação no presente. Por esse motivo talvez não surpreenda que existam imagens que relevam estados futuros que não foram experimentados e formam a noção de *imagem inventiva*. Por isso para Simondon, a invenção é uma fase do devir da imagem; uma espécie de etapa final do ciclo evolutivo da imagem mental, produzida pela imaginação. Como a imagem não é uma representação visual do mundo que reside passivamente na consciência, ela é um complexo, uma realidade intermediária entre objeto e sujeito, entre concreto e abstrato, entre passado e porvir, na qual esses polos são dinamizados por forças motrizes, cognitivas e afetivas, externas e internas que a tornam algo assim como um *semi-objeto*, materializado como uma imagem-objeto que prefigura um porvir próximo ou distante na forma de um *novo modo de realidade*. Há um devir da imagem, que avança por fases que vão desde o estágio sensório-motor até alcançar a antecipação produtora de realidade individual e

coletiva: uma força proativa que articula o sentido e a experiência na produção de realidade imagética.

A invenção pode então ser entendida como *um câmbio de organização do sistema de imagens adultas*, produzido por um câmbio de nível de um estado de imagens para outro novo estado de imagens livres que permite o recomeço do ciclo inventivo; se eleva o nível de realidade em um processo que tem origem na antecipação rica em estímulos pré-perceptivos e cognitivos, se fixa como imagem-lembrança e símbolos que orientam a experiência, os quais, quando *saturados*, isto é, quando a experiência não pode mais acolher o novo que ela experimenta, faz o sujeito modificar a sua própria estrutura para organizações mais potentes, capazes de resolver as incompatibilidades experimentadas.

Porém, isto não significa que a invenção artística opera em qualquer condição; De fato, Simondon reconhece funções de ordem cultural que não são livres de condições e efeitos materiais e socioculturais futuros:

Todo inventor em matéria de arte é em certa medida futurista [...] o criador é sensível ao virtual, àquilo que exige, desde o fundo dos tempos e na humildade estreitamente situada do lugar, as rédeas do porvir e a amplitude do mundo como lugar de manifestação; [...] é aquele em quem a gênese das imagens revela o desejo de existir dos seres – de existir, ou mais bem, de existir uma segunda vez em um universo significativo no qual cada realidade local comunica com o universal e em que cada instante, no lugar de ser sepultado no passado, é a origem de um eco que se multiplica e se matiza diversificando-se. (IeI, 204-05, *tradução nossa*)

Como se pode observar, as semelhanças entre o processo de invenção do objeto técnico e objeto da arte são similares, sendo que no caso da arte o resultado é um mundo que se abre até como uma segunda experiência existencial, destacando o viés de fundo religioso que predomina nesse tipo de objetos. Agora necessariamente devemos considerar que aquilo que se estabelece como futuro ou eco de um objeto-momento-lugar possui conotações subjetivas e objetivas. Para que um objeto seja socialmente considerado uma obra de arte, é necessário que essa condição seja estabelecida de forma transindividual.

### **A Relação do Homem com a Arte e Técnica**

Analisar a relação do homem com a arte de forma similar à relação do homem com o objeto técnico implica considerar o poder regulador do objeto técnico na cultura (a máquina “tem um papel abaixo da individualidade técnica e outro acima dela: como servente e regulador” (MEOT, p. 135)).

Simondon defende fortemente uma reforma na cultura para incorporar o objeto técnico e “devolver à cultura atual o verdadeiro poder regulador que ela perdeu” (MEOT, p. 49). Porém, isso não diz respeito somente à máquina como forma de individuação técnica, pois o objeto técnico e o objeto da arte se diferenciam em relação ao polo da mediação na qual participam. O objeto técnico – mediação do homem com o mundo – tendendo ao polo das figuras e, o objeto de arte – acesso ao universal abstrato – tendendo ao polo do fundo. O objeto da arte também é chamado a devolver o poder regulador da cultura por esta simbiose com objeto técnico.

Como a experiência estética é situada, isto é, ela tem realidade relacional e não existe como unidade autônoma fora do contexto geográfico e temporal no qual se insere, Simondon faz uma primeira diferenciação entre o que ele chama objetos de arte e objetos de arte institucional:

A obra de arte que faz parte de uma civilização usa a impressão estética e [...] satisfaz a tendência do homem a buscar, quando exerce certo tipo de pensamento, o complemento em relação à totalidade.

[...]

Quando a arte institucional se converte em esteticismo, ou seja, quando oferece e substitui uma satisfação real e derradeira, considerada como experiência vital, ela se transforma numa tela que impede o aparecimento da verdadeira impressão estética (MEOT, p. 268 e 290).

Nas afirmações anteriores se torna evidente que para Simondon há uma categorização do objeto de arte que está vinculada a demandas específicas de grupos sociais que não sustenta necessariamente o potencial daquilo que considera fundamental da experiência estética: a passagem para os outros mundos; e isto pode estar associado ao que ele considera próprio da configuração social, a individuação que se experimenta socialmente: a transindividuação.

A individuação física é diferente da biológica, e esta, da psíquica e da coletiva. Suas diferenças não são produto de ontologias incompatíveis, senão das diferentes dinâmicas que tomam seus processos de individuação. Na individuação física a estruturação do indivíduo acontece na sua fronteira, no seu limite; o interior estruturado se transforma em passado absoluto enquanto o meio energético externo é o futuro absoluto. Na individuação biológica, os altos níveis de organização que se observam nos seres vivos correspondem a uma *integração* de elementos já formados, já individuados (órgãos). O ser vivo possui um potencial energético externo, mas também, outro de ordem interno em função de que os

elementos que o compõem são também estruturados e possuem como seu exterior as regiões interiores do ser vivente; não existe um encadeamento funcional que torne um elemento causa exclusiva de outro; ao contrário, existem *com* os outros. A transdução do ser vivente é *indireta e hierarquizada*. Ela é diferida por cada elemento interno do ser vivo e hierarquizada nas camadas que o compõem. As constantes trocas de energia do indivíduo biológico com o meio externo são correlatas com as constantes reorganizações estruturais internas dos indivíduos que o compõem. Por isso Simondon diz que nos seres viventes, mas do que uma individuação existe um *teatro de individuações*: o ser biológico é palco das individuações que intervêm nele para manter o equilíbrio entre interior e exterior. Quando o ser biológico é pensado composto hierarquicamente de *subindivíduos*, as diferenças de potencial interno estabelecem uma *problemática interna*. Daí decorre que o indivíduo biológico deve resolver esse estado interno de tensões e a consequente resolução desse estado de tensões é *individualizante* porque particulariza a condição do indivíduo. Assim, se introduz uma dimensão que caracteriza os seres vivos: eles possuem uma *condição psíquica* que permite que se individuem continuamente ao colocar no mesmo solo o potencial externo e o interno, mediante funções que permitem a constante adaptação inventiva do ser vivo, isto é, individuação do interior em conjunto com o exterior, porque ambos participam diretamente na *constituição* do ser no seu ambiente. Se por um lado o meio externo é percebido, ele só faz sentido na dimensão vital do ser vivo, quer dizer, no lugar em que se desenvolve e resolve os problemas das suas disparidades internas visando seu *agir* no mundo externo. De fato, o universo externo só existe e faz sentido se o indivíduo vivo se insere nesse devir externo compatibilizando seu devir vital próprio.

Ao colocar a individuação psíquica nesses termos, sutilmente, Simondon contesta noções que, por um lado, atribuem o psíquico humano a uma condição puramente originada na consciência – como a *psicologia* – e, por outro, às que a atribuem a uma condição puramente originada no ambiente – como a *sociologia* –. Esta sutileza agrega mais um elemento na contínua teia da individuação do vivente, pois na sua condição transdutiva a individuação psíquica estabelece uma continuidade entre indivíduo e coletivo que permite considerar que a individuação *psíquica* é uma etapa da individuação *coletiva*. Simondon eleva a individuação dos seres humanos a um terceiro nível: o social.

Para Simondon, a significação é *espaço-temporal*: possui um sentido em relação à *estrutura* e outro, em relação ao *devir*. De fato, existe indivíduo se existe significação, pois é nele e por ele onde estruturas e operações aparecem. A operação psíquica é a descoberta das

significações em um conjunto de sinais de informação que implicam o prolongamento da individuação relativa a objetos do mundo exterior e a ele mesmo. Possui força resolutiva para o exterior, mas também para o interior que se estrutura e acrescenta a inteligibilidade da sua relação com o mundo. Nesse sentido o mundo não é estável porque existam *a priori* que informam ao sensível, senão uma verdadeira transdução onde os indivíduos se *individualizam* enquanto mantêm relações entre eles em função de que possuem processos de individuação comuns.

A individuação psíquica parece mais uma *individualização* porque a passagem para um nível superior requer como ponto de partida um ser vivo já individualizado. Pensamento e vida são funções complementares, não se encontram em dois lugares incomunicáveis. A problemática do ser vivente se resolve em uma individuação que cria dois domínios: um *psíquico* (pensamento) e outro *somático* (corpo) e ambos implicam na existência de um campo solidário não individualizado dentro do qual o indivíduo individualizado possui esquemas psíquicos e especializações somáticas. Simondon afirma que a individualização do ser vivo é sua historicidade real porque é contínua. O indivíduo individualizado é parte do coletivo e, portanto, participa de um mundo de sentido, um universo cultural que o impele a continuar com sua individualização pelas próprias problemáticas que se plantea com e perante esse mundo. Nesse domínio comum, que é também transdutivo, produz suas novas estruturas individualizadas ao mesmo tempo em que o mundo é também constantemente estruturado durante o acoplamento do conjunto. Para Simondon, a verdadeira relação que se produz *entre* os indivíduos individualizados é *transindividual* e surge de frente a uma experiência de *solidão*, isto é, de uma orientação para o polo individual que evidencia a existência e importância do outro polo, o coletivo. Na evidência de que o indivíduo solitário não resolve todas as suas problemáticas de ser vivo, o transindividual orienta o indivíduo para o polo coletivo, de modo que a individuação é novamente prolongada transdutivamente para o domínio do transindividual; *memória* e *imaginação* operam a tarefa transdutiva que é *dever do ser*. No tempo presente, o campo futuro se reticula e o passado se estrutura. A relação do indivíduo com a sociedade é tempo vivido, produto de dois regímenes que se comunicam e que também estabelecem uma relação entre seu próprio passado e futuro; tanto o indivíduo quanto a sociedade se encontram nos seus respectivos tempos presentes, e ao participar dele, o indivíduo amplia sua presença para uma dimensão mais complexa que a do indivíduo isolado. A dimensão coletiva não acontece entre indivíduos senão como uma relação entre seres individualizados através de um processo em que cada ser individualizado deve atravessar uma

estrutura reticular inicial para ter acesso à condição de participação no grupo. Existe uma troca de estruturas e operações que funda a relação: os indivíduos individualizados se individuam simultaneamente nas relações sociais que estabelecem.

O ser humano, ainda que seja considerando o alto grau de autonomia e independência funcional que possui, parece estar incompleto, inacabado. Parece necessitar uma segunda gênese; uma que o eleve à dimensão espiritual: uma condição menos estável e permanente que a que possui como indivíduo puro. É nesse domínio que o campo pré-individual que ainda acompanha o indivíduo individualizado o torna ser social. Esse domínio não lhe pertence e não pertence a nenhum outro indivíduo; é como um exterior íntimo, mas não propriamente interno. É na própria operação transindividual que o indivíduo individualizado se encontra unido aos outros indivíduos individualizados, com os quais forma um campo de energia potencial metaestável, campo este no qual todos experimentam uma sorte de estruturação e organização funcional que resolve as tensões existentes, dando origem – por ressonância ou coincidência nas significações que resultam dos seus intercâmbios de informação – ao social.

Como ser mais amplo, o ser social individuado na operação transdutora do transindividual não é gênese só do indivíduo, senão gênese dele e do coletivo que o une, pois, sempre existe aquilo que não se individua, resultando no teatro de individuação contínua que acompanha o ser vivo, mas desta vez, como membro do grupo. O psicossocial é o transindividual na figura de *carga* de energia para futuras individuações; *reserva* imanente de ser que se atualiza em uma terceira individuação: o *coletivo*, onde se encontram os processos transdutivos de vários indivíduos individualizados em torno das descobertas das significações comuns.

Para o indivíduo, a informação transdutiva se transforma em significação no seio do coletivo; ela existe no meio do transindividual e representa uma relação entre os seres e não uma pura expressão de algum ou de vários deles; a significação não lhe pertence só ao indivíduo porque é a partir dela que esse indivíduo sai de si mesmo, se transborda e descobre as significações nas quais, coletivo e indivíduo, entram em ressonância, em acordo, resultando na possibilidade de se desenvolverem de forma conjunta. Simondon faz uma interessante síntese deste momento ao considerar que o transindividual é uma *fase* do ser, precedida por uma de primeira ordem – *pré-individual* – da qual segue outra de segunda ordem – *individual* – para chegar nessa terceira fase, *transindividual*, todas as quais no seu conjunto designam



respectivamente, ainda que não completamente, os conceitos de *natureza*, *indivíduo* e *espiritualidade*.

De fato, quando se refere à constituição do valor, Simondon diz que deve existir um lugar para tornar complementares todas as realidades, isto é, uma forma de ação mediante a qual pode haver complementaridade. Elementos orgânicos ou técnicos podem ter valor atrelado a eles mesmos (por exemplo, o remédio que cura), porém há um tipo de valor que não está atrelado a nada e permite a relação entre orgânico e técnico. Este é o caso da cultura, porque mediante ela se dá início a uma ação que coloca em relação aspectos orgânicos e técnicos cujas possibilidades não estão em vista, são possibilidades complementares para resolver os problemas existenciais dos seres vivos mediante a criação de um sistema simbólico que permite ter reação mútua:

A sistemática que permite pensar simultaneamente os termos do problema, quando se trata de um problema moral, só é realmente possível a partir do momento em que a solução é descoberta. O sentido do valor é o que deve evitar que nos encontremos ante problemas de escolha (ILFI, 513).

Poderíamos dizer que quando o indivíduo se individua socialmente, quer dizer, quando se individualiza na transindividuação, o aspecto espiritual, coletivo – que não pertence a nenhum indivíduo individualizado, mas que o acompanha como meio – é o lugar onde ocorre uma criação coletiva de valor, no sentido da resolução de um tipo de problema existencial, que quando dada, quando realizada sua solução, individualiza o indivíduo nas possibilidades abertas por aquilo que não se encontra nem no orgânico puro nem no técnico puro e talvez este seja o valor que possui a arte quanto aproxima o figural técnico ao fundo religioso, ou seja, quando mediante a experiência estética se conectam ambos os polos.

### **Considerações Finais**

As características em comum do objeto técnico e o objeto da arte podem sinalizar que a questão que interroga a arte-tecnologia não se encontra na utilização da tecnologia pela arte, pois de certa forma, tal abordagem é atualizar a sempre presente experiência estética em função de uma condição contemporânea da técnica. Em outras palavras, se a técnica é um traço humano, a arte também desde o momento em que a técnica apareceu e se pode dizer que a relação entre ambas sempre existiu e não pode hoje caracterizar nada mais do que a expressão contemporânea da experiência estética. Porém, o objeto da arte também tem uma

condição específica de individuação: a experiência estética é aquela que destaca as funções de fundo da técnica, é a criação de uma experiência de totalidade, que se bem pode ser própria de um indivíduo individualizado, também pode se elevar ao nível transindividual, primeiro, porque na perspectiva de Simondon, a individuação individualizante forma unidade ontogenética com a individuação coletiva, e segundo, porque quanto revestida de aspectos normativos de valor, o processo que leva a o estabelecimento do valor passa pela solução de uma problemática existencial relativa à compatibilização coletiva de problemas técnicos e orgânicos dos indivíduos individualizados. Em relação ao objeto da arte, Simondon não elabora claramente as formas de individuação, porém, elas também poderiam ser estabelecidas em analogia com o objeto técnico.

O processo de evolução da realidade técnica se assemelha a uma linha do tipo dente de serra, onde a progressão de elemento, indivíduo e conjunto avança até a queda vertical da temporalidade representada pela passagem que condensa um conjunto técnico em um elemento técnico, inaugurando um novo ciclo evolutivo que faz o elemento participar de um novo indivíduo técnico, e este, de um novo conjunto técnico.

Na primeira etapa, os elementos técnicos são puras funcionalidades sem objetivo maior a não ser o de realizar a operação técnica que é capaz de fazer. Como um órgão sem corpo, o elemento existe, sua funcionalidade está bem definida, mas não existe uma relação com um exterior real, pois ele ainda existe numa condição abstrata, sem a presença das causalidades recíprocas próprias de ser parte integral de um organismo vivo. Na segunda etapa, de indivíduo técnico, os elementos técnicos passam a estabelecer relações de causalidades recíprocas estáveis com o meio associado, configurando uma unidade funcional produto da consistência interna das interações dos seus elementos. A interação entre este indivíduo e seu mundo é estável porque de certa forma o indivíduo é indivíduo para esse mundo, nas condições que esse mundo estabelece como fundo abstrato para o lugar privilegiado que passa a ter o indivíduo técnico que o associa. No terceiro momento, os conjuntos técnicos passam a ser composição de vários indivíduos técnicos, mas à diferença destes, nos conjuntos coexistem vários indivíduos técnicos obedecendo a diferentes processos de individuação (com diferentes filogêneses). As relações interindividuais no conjunto são relações de causalidades recíprocas que implicam em uma estabilidade dos seus comportamentos, ou melhor, da organização das suas tecnicidades. Para fechar o ciclo evolutivo, Simondon lança mão de um processo que vincula conjuntos técnicos com elementos técnicos, pois como parte do processo evolutivo do objeto técnico, existe um

momento em que os conjuntos cristalizam uma realidade técnica, se adensam e condensam uma funcionalidade, fato que permite que prosperem e se reencarnem como realidade elementar, isto é, o conjunto se torna elemento que pode estabelecer relações com outros elementos, constituindo novos meios associados e por consequência, novos indivíduos técnicos.

Daqui se pode desprender que existe uma primeira etapa do objeto de arte que pode ser elementar porque caracteriza a função estética: sua ‘*esteticidade*’, porém somente se torna obra quando encontra um fundo com o qual encontra compatibilidade. A individualidade do objeto de arte estaria dada pela organização de esteticidades ou de elementos de valor estético elementar que, quando colocados no indivíduo, entram em processos de causalidade recíproca que formam o caráter individual de um objeto de arte, como a *Vênus de Milo* no Museu de Louvre, na qual se pode experimentar uma série de impressões estéticas a partir de um único objeto. O terceiro estágio do objeto de arte seria comparável ao efeito de conjunto entre vários objetos de arte, como a *Casa Batllo* de *Antoni Gaudi*, na qual diversos objetos de arte compõem uma impressão estética mais ampla: a do conjunto. Seguir a linha de raciocínio da evolução do objeto técnico na sua fase de ‘dente de serra’ seria algo como transformar a própria *Casa Batllo* em um objeto que, sob certa condição de adensamento, caracterizaria o conjunto como elemento, por exemplo, quando traduzida em uma pintura, escultura, um chaveiro ou qualquer objeto de arte que possa transmitir a dimensão estética do conjunto.

A perspectiva de Simondon sobre a estética como relação que une realidade técnica e realidade religiosa abre uma reflexão muito ampla sobre aquilo que se denomina arte e mais ainda em relação daquilo que se denomina arte-tecnologia, pois elimina o juízo de valor que nasce sobre a contemplação crítica de um indivíduo acabado (obra de arte ou conjunto artístico) para reposicioná-lo a partir dos processos de individuação.

Os estudos sobre estética ou tecno-estética devem, seguindo o pensamento simondeano, se guiar por processos de individuação mais do que por indivíduos individualizados, pois talvez mediante essa perspectiva se pode encontrar o modo de produção da dimensão estética que se encontra posteriormente no objeto e no conjunto de arte acabado (individuado) o qual, através da experiência estética, promove um modo de existência para a cultura.

## Referências

BARDIN, A. **Epistemology and Political Philosophy in Gilbert Simondon: Individuation, Technics, Social Systems**. Série *Philosophy of Engineering and Technology*, 2015. E-book disponível em <https://link.springer.com/book/10.1007/978-94-017-9831-0>

SIMONDON, G. **L'Individuation à la Lumière des Notions de Forme et d'Information**, Éditions Jérôme Millon, Paris, 2005. Edição brasileira: SIMONDON, G. *A Individuação à Luz das Noções de Forma e Informação*. Trad. Luís Aragon e Guilherme Ivo, São Paulo: Editora 34, 2020.

SIMONDON, G. **Du mode d'existence des objets techniques**, Paris, Éditions Flammarion, Paris, 1958. Edição brasileira: SIMONDON, G. *O Modo de Existência dos Objetos Técnicos*. Trad. Vera Ribeiro, São Paulo: Editora 34, 2020.

SIMONDON, G. **Imagination et Invention**. Les Éditions de La Transparence, Paris, 2008. Versão em Espanhol: SIMONDON, G. *Imaginación e Invención (1965-1966)*, Trad. Pablo Ires, Serie Clases, Buenos Aires: Editorial Cactus, 2013.

STIEGLER, B. **La technique et le temps: La faute d'Épiméthée (Tomo I)**. Editions Galilée, Paris, 1994. Edição em Espanhol: STIEGLER, B. *La Técnica y El Tiempo 1, El Pecado de Epimeteo*. Colección Pensar, Trad. Beatriz Morales, Editorial Hiru, Ondarribia, Espanha, 2002.